

**POR QUE COMPARAR, O QUE COMPARAR E COMO COMPARAR:
reflexões sobre o uso do método comparativo
nas Ciências Sociais**

RAISSA DA ROSA MARQUES¹ GABRIEL DA SILVA VARGAS² TACIANE
SILVEIRA SOUZA³ THAYS ALVES DA SILVA⁴ ROMERIO JAIR KUNRATH⁵

¹ Universidade Federal de Pelotas- ra-ssamarques@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas - vargasgabriel28@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas - ciane_ta@hotmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas - thaysalvesdsilva@gmail.com

⁵ Universidade Federal de Pelotas- romeriojk@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho integra o projeto de pesquisa “Perfil de ingresso, pontos de bifurcação na trajetória e desfiliação do ingresso nas universidades: um estudo de casos comparados de quatro universidades, da Argentina (UNL), Brasil (UFPel), Paraguai (UNA) e Uruguai (UDELAR). Essa pesquisa esta sendo coordenada por profissionais da área de Ciências Sociais e por especialistas de diferentes áreas do conhecimento, constituindo-se grupos de trabalho distintos em cada uma das Universidades, fazendo parte da pesquisa professores pesquisadores e estudantes de cursos de graduação e pós-graduação.

Nessa apresentação, o foco estará centrado na revisão da literatura à respeito do uso do método comparado na Ciências Sociais, refletindo sobre as diferentes estratégias e possibilidades da comparação nessa área. De acordo com a literatura sobre o assunto - *por que comparar, o que comparar e como comparar* - são questões chaves para entender, compreender, explicar, interpretar e conhecer, qualquer aspecto da realidade social e política de um país, sobre determinados fenômenos que ocorrem nas sociedades atuais, principalmente, no plano internacional com os processos de globalização e internacionalização em curso.

Segundo MORLINO (1994), através da formulação de um projeto de pesquisa e da delimitação da questão a ser investigada sobre um determinado fenômeno na sociedade, qualquer que seja o grau de generalidade do nosso problema de pesquisa ou, o interesse que nos move, seja ele explicativo, cognitivo ou aplicado ou, ainda, qualquer que seja o nosso ponto de vista a respeito de um determinado fenômeno, diz ele, “a comparação sempre será útil para alcançar os objetivos do nosso trabalho”. O importante é ter clareza do que desejamos saber, descrever, explicar ou melhor compreender à respeito da realidade.

A primeira observação a ser feita é que nem tudo é comparável, pois em um primeiro momento podemos imaginar questões muito específicas, que não exigem recorrer ao método comparativo. A segunda observação a ser realizada é que o método comparativo constitui um dos métodos das Ciências Sociais e Humanas. Ele não é único. Além dele existem outros três, o método experimental, o método estatístico e o método histórico, sendo que o método comparativo poderá ser usado de forma combinada com os outros modelos, principalmente com o método estatístico e o método histórico, assim como o fizeram autores clássicos da Sociologia como EMILE DURKHEIM (1982) e MAX WEBER (1979).

Para MORLINO (1994), as melhores perguntas formuladas para a comparação nas Ciências Sociais são questões mais gerais, que afetam instituições, grupos sociais e normas, compreendidas em suas relações e nos

contextos em que se formam e se estabelecem. Nesse sentido, os estudos mais significativos da área são aqueles que envolvem longos períodos, com a seleção de casos diferentes e em contextos também distintos, destacando-se às análises comparadas diacrônicas.

Conforme o autor, um dos principais problemas desses estudos de longa duração esta na identificação dos casos relevantes e na delimitação do tempo, ou seja, em como fazer as periodizações para o desenvolvimento da análise dos casos. Diante desses problemas, ele afirma que não existe uma decisão de um estudioso da área social ou, política, que não seja também relevante para outros pesquisadores, pois problemas de explicação, de análise de tempo e de espaço, não são uma exclusividade das Ciências Sociais. Logo, avanços obtidos no uso do método comparado nas Ciências Sociais podem exercer influência também sobre o uso da comparação em outras áreas (MORLINO, 1994).

Para SARTORI (1994) a razão que nos obriga a comparar nas Ciências Sociais é o controle que podemos exercer sobre as teorias que usamos e as hipóteses que formulamos nos trabalhos de pesquisa, muito embora, a comparação como método de controle tenha sofrido resistências ao longo do tempo. A tese de que comparar é controlar não é uma unanimidade entre os comparatistas, visto que existem outras interpretações possíveis. Contudo, o método comparativo se justifica e se desenvolve como uma especialização do método científico em geral (científico-empírico e científico-lógico).

2. METODOLOGIA

A metodologia adotada é qualitativa, de análise da literatura por meio da revisão bibliográfica sobre o tema da comparação e, do uso do método comparativo nas Ciências Sociais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para que possamos comparar é necessário que tenhamos uma estrutura teórica conceitual definida, deixando claro a perspectiva teórica adotada e os conceitos a serem utilizados, caracterizando e classificando cada um dos casos de forma individualizada, estabelecendo critérios e parâmetros de comparação, sendo que existem duas estratégias possíveis para que a comparação seja realizada: 1º) parte-se da identificação das semelhanças para ressaltar as diferenças que existem entre os casos mais similares, ou; 2º) parte-se das diferenças para destacar as semelhanças que existem entre os casos mais distintos. Conforme SARTORI (1994), comparar implica assimilar e diferenciar nos limites. A comparação que nos interessa levar ao fim é aquela cujo objeto tenha características compartilhadas e não compartilhadas, semelhanças e diferenças, que podem ser esclarecidas através da classificação.

A classificação cumpre com duas funções importantes. Em primeiro lugar, é necessário definir categorias de análise, classificar corretamente, para identificar as variações empíricas do fenômeno em estudo nas diferentes realidades observadas. Faz-se necessário prestar atenção nos casos comparáveis fazendo o uso correto da “escala de abstração” - que se refere a transição de conceitos, categorias e hipóteses mais gerais e empiricamente inclusivas para conceitos, categorias e hipóteses mais particulares e exclusivas, segundo regras de transição bem definidas: em que maior “extensão” ou “inclusividade”, tratando-se do alargamento dos conceitos, corresponde a “menor intensão” ou “espaço de atributos”, referindo-se a um conjunto de características

ou propriedades que atendem e especificam um tipo de classificação ou categorização, como por exemplo, quando falamos de democracia a que tipo ou modelo de democracia estamos nos referindo? (LIJPHART, 2003). Em segundo lugar, é preciso estabelecer parâmetros de comparação. Se comparamos algo estamos comparando em relação a que? E, quais seriam os tipos de variáveis que devem ser consideradas para realizar essa parametrização? Por exemplo, quando comparamos o comportamento eleitoral das mulheres, nós podemos tomar como parâmetro de comparação o comportamento eleitoral dos homens, sem considerar outros aspectos (variáveis), como a idade e a que classe social a que pertencem.

Segundo SARTORI (1994), o uso correto da escala de abstração é crucial para controlar as hipóteses sobre os casos examinados, permite formular hipóteses mais gerais e articular essas hipóteses especificando-as na medida em que se aprofunda a análise, a partir do detalhamento de cada caso. Dadas as exceções, ele nos diz que uma das alternativas é fazer um estudo de caso aprofundado para explicar o(s) caso(s) desviante(s), com a possibilidade de gerar novas hipóteses explicativas para o caso, o que privilegia a densidade da compreensão individualizante, em profundidade. Logo, o comparatista deve recolher informações de estudos monográficos e exploratórios, assim como, o especialista de um único caso, ou país, que ignorar o aporte comparado se empobrece.

4. CONCLUSÕES

Diante da revisão da literatura sobre a comparação e o uso do método comparado nas Ciências Sociais, observa-se que os comparatistas se dividem a respeito do que constitui uma explicação aceitável nas Ciências Sociais, em um contexto no qual o saber no âmbito dessas ciências é pouco cumulativo e seus objetos de estudo se redefinem e se transformam a cada momento. Segundo MORLINO, essa falta de percepção sobre o acúmulo do conhecimento na nossa área conduz a diferentes concepções sobre a melhor forma de se fazer ciência, que se expressa por meio da comparação, através de suas distintas estratégias (MORLINO, 1994).

De acordo com SARTORI (1994) para se comparar seriamente é preciso ter disciplina lógica, metodológica e terminológica. Embora não exista um consenso sobre o que seja a comparação no âmbito das Ciências Sociais, entendida ora como um método de estudo (HOLT; TURNER, 1970), ora como uma explicação (PRZEWORSKI; TEUNE, 1970) ou, ainda, como um método de controle (MORLINO; SARTORI, 1994) cabe ressaltar os avanços que tem ocorrido nesses estudos ao longo de décadas (COLLIER, 1994).

Sobre a teoria e o método as principais contribuições que ocorreram vem desde a antiguidade através de autores clássicos, como Aristóteles, Platão, Maquiavel, Montesquieu, Hegel, Marx e Mill, que já se utilizavam da classificação em seus trabalhos, passando por teóricos do século XX em três áreas básicas das Ciências Sociais (Antropologia, Sociologia e Ciência Política). A comparação das teorias e idéias de MARX e WEBER, por exemplo, mostra semelhanças e diferenças em suas abordagens, bem como expõe a necessidade de retornar a seus primeiros textos, ao invés de confiar em seus interpretes. Isso revela que velhas e novas idéias continuam a causar impacto na evolução dos estudos, permitindo a controvérsia e o debate aberto de idéias, um rico diálogo entre todos os interessados no desenvolvimento do método e da teoria (CHILCOTE, 1997). Dentre as principais vantagens que podemos citar do uso do método

comparativo nas Ciências Sociais, destaca-se a possibilidade da sua combinação com outros métodos da área de Ciências Humanas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHILCOTE, Ronald H. *Teorias de Política Comparativa: a busca de um paradigma reconsiderado*. Tradução de Carlos Alberto Silveira Netto Soares. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1997.

COLLIER, David. El Método Comparativo: dos décadas de cambios. IN: MORLINO, Leonardo y SARTORI, Giovanni (Comp.). *La comparación em las ciencias sociales*. Madrid, Alianza Editorial. S.A., 1994, p.51-75.

DURKHEIM, E. *O suicídio*. Tradução de Nathanael Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1892.

MORLINO, Leonardo. Problemas y opciones en la comparación. IN: MORLINO, Leonardo y SARTORI, Giovanni (Comp.). *La comparación em las ciencias sociales*. Madrid, Alianza Editorial. S.A., 1994, p. 13-28.

HOLT, Robert T. & TURNER, John E. *The Methodology of Comparative Research*. Nova Yorque: Free Press, 1970.

LIJPHART, Arend. A política comparativa e o método comparativo. In: *Revista de Ciência Política*. Rio de Janeiro, FGV, 18 (4), 1975, p.3-19.

_____. *Modelos de Democracias: desempenho e padrões de governos em 36 Países*. Tradução de Roberto Franco. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

PRZEWORSKI, Adam & TEUNE, Henry. *The Logic of Comparative Social Inquiry*. Nova Yorque: Wiley – Intercience, 1970.

SARTORI, Giovanni. Método Comparativo e Política Comparada. In: *A política: lógica e método nas Ciências Sociais*. Brasília: Editora UNB, 1997, Capítulo 9, p. 203-246.

_____. Problemas Metodológicos na Política Comparativa. In: *Revista de Ciência Política*. Rio de Janeiro, FGV, 18 (4), 1975, p.21-50.

_____. Bien Comparer, Mal Comparer. In: *Revue Internationale de Politique Comparée*, Vol.1, nº1, 1994, p. 19-36.

_____. Comparación y Método Comparativo. IN: MORLINO, Leonardo y SARTORI, Giovanni (Comp.). *La comparación em las ciencias sociales*. Madrid, Alianza Editorial. S.A., 1994, p.29-49.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Tradução de Waltensir Dutra. 5ª Edição, Editora LTC, 1982.